

Minho, 1, 62-64, a que o S.^{or} Coelho se refere com pouco affecto, e de rápidas alusões no *Dialecto Mirandês*, pág. 8 (-9), nota 4, e na *Evolução da linguagem*, 1886, pág. 53 (= *Opúsculos*, 1, 79), possuo ainda inéditos vários apontamentos de carácter geral (bibliografia, etc.), e listas, segundo classes (trolhas, pedreiros, estudantes, etc.), e localidades (Ancora, Afife, Espòsende, Pôrto, Quadrasais, Mira de Pôrto de Mós, Minde, Alentejo). Nomes que o povo dá à giria, são, por exemplo: *verbos*, que ouvi em Monção («*verbos* dos pedreiros»), *latim*, muito corrente no Alto-Minho. Á giria dos Mindricos (Minde) ouvi algures chamar *lamúria*.

Lisboa, 7 de Julho de 1925.

XVI

LINGUAGEM POPULAR DE PARADA DO MONTE

Parada do Monte é frèguesia do concelho de Melgaço. Em 1875 tinha 180 fogos, segundo o *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, vi, 455-456, onde se diz que uma das riquezas dos habitantes dela são os gados.

Em Agôsto de 1902 estive na vila de Melgaço, e, como aí se me proporcionou ensejo de falar com várias pessoas de Parada, colhi os materiais que adiante voo estudar.

A) Fonologia

1. Existem duas espécies de *e*, um aberto, e outro fechado, por exemplo, *prégo* e *tébo* «*teve*». O mesmo sucede com relação ao *o*, por exemplo, *próbe* ou *póbre* e *pôço*. Tanto o *é* como o *ó* soam como em português;

não têm o valor do *e* e *o* hespanhois, que ficam respectivamente entre os nossos *é-é* e *ó-ó*. Factos dignos de nota são: *pórco* «porco», que tem o *o* aberto, como o do feminino (*pórca*); *ólhe* «olhe» (imperativo de *olhar*); *bébē* «bebem»; *anél* «anel», mas no plural *anéis*; *dêç* «dez». É freqüente dizer-se também em muitos pontos de Portugal, por exemplo na Beira, *pórco*, *óbo*, *ósso*.

2. O *e* é fechado em *-élho* < l. -*ic'lu*, por exemplo, *joélho*, *orélha*; em *-éja*, por exemplo *igréja*, *séja*; e em *-ênha*, por exemplo, *lénha*, que não pode rimar com *muntanha*. O *-e* átono alterna com *-i*.

3. O *e* nasal átono é surdo, quer no fim de palavra, quer no interior, por exemplo, *pódē*, *diçē*, *trabalhē*, *mentir* (isto é, *mēntir*) onde *ē* soa como o *e* de *pode*, mas nasal. O primeiro fenómeno é característico da raia; o segundo encontra-se no resto do Minho. Temos, pois, *-ENT* e *-EN-* latinos átonos representados sempre *em*. Transformações semelhantes tiveram *-VNT* e *-ON-*, que deram respectivamente *ũ* (*-un-*, *-um-*), por exemplo: *trabalhárũ*, *dixérũ*, *fôrũ*, *muntánha*, o que também se observa no resto do Minho. Lat. *-ANT* átono tornou-se *-ã*: *trabálhã*, *ándã*, *stábã*, como em português arcaico. Em sílaba tónica temos: *stã* < *stant*, *cã* < *cane-*, *andarã* = *andarám* (futuro). O *a* nasal tónico é aberto, por exemplo: *ándã*; o *e* nasal tónico é aberto ou semi-aberto, por exemplo, *tē*, *bintē* (isto é, *tém* ou *tēm*, e *bintém* ou *bintēm*), *bénça* ou *bènça*. O *-om* é fechado, por exemplo; *sôm*, *carbôm*, *pôm*, o que estabelece grande diferença com o resto do Minho, onde se diz *-õu* (ditongo); temos, pois, *-ONE* > *-om*, — conservação da forma arcaica.

4. O dígrafo *-oa* soa *-óa*, e não *-oua*, como em grande parte do país, por exemplo: *bóa*, *Lisbóa*. Em *tio* também há um dígrafo: *ti-o*, como na língua lite-

rária (em alguns pontos do país diz-se *tiu*). O pretérito da 3.^a conj. termina do mesmo modo: *mentio*, não *mentiu*.

5. O ditongo *ou* soa *öu*, como, com maior ou menor intensidade, no resto do Minho, e no Norte de Trás-os-Montes: *troüce* ou *tröuxi*, *möuco*, *röuco*.

6. O *s* distingue-se do *ç*, como em tôda a raia do Norte e na Beira, por exemplo: *çinco*, *seis*, o que, como é sabido, está de acôrdo com a ortografia antiga. O mesmo sucede com *f* ou *-s-* (isto é, *s* intervocálico) e *z*. — Em *três chapeus*, o *s* de *três* distingue-se antes do *ch*, que soa explosivo (quási *tx*). — No fim de palavra: *luç* «luz».

B) Morfologia

7. Na formação do plural dos nomes há alguns factos dignos de nota. A palavra *cã* faz no plural *cãs* (segundo a pronúncia de uns) e *cans* = *ca-n-s* (segundo a pronúncia de outros), e igualmente *pã* faz *pãs* e *pa-n-s*, *irmã* (que é masc. <germanu- e feminino <germana-, cfr. § 3) faz *irmãs* e *irma-n-s*; de *carbôm* só ouvi o plural *carbons*, isto é *carbo-n-s*. Importa observar que em galego a palavra *can*, que soa *cã*, faz no plural, a par de *cás*, também *cans* (isto é, *ca-n-s*) e *cãns* (com *n* gutural); na Coruña ouvi freqüentemente *mans* (= *ma-n-s*), a par de *más*, como pl. de *man* (que soa *mã*) e *pans* (= *pa-n-s*) como pl. de *pan* (que soa *pã*). — Em Parada o plural de *caracól* é *caracóis*, e o de *anêl* é *anéis* (havendo também *anéles*, porque com *anêl* coexiste *anéli* = *anêle* no sing.). *Ulibes* «ourives» tanto é singular como plural.

8. Quanto aos géneros, temos *abó* no masculino e *abó* no feminino, — como em português corrente.

Noto estas palavras, pois que é fácil, nas raias, estabelecer-se confusão de uma com a outra: cfr. § 1.

9. *Verbos.* — A fonética imprime aos verbos formas especiais: 3.^a pl. -ē, -ā, -ū (§ 3), por exemplo: *dizē, cántā, dixérū*; 3.^a sing. -ē (= -ém) em *tē*. Os fenómenos mais curiosos na conjugação são os seguintes: os pretéritos fortes terminam em -o na 3.^a sing., nas mesmas condições em que assim terminam em galego, mirandês e hespanhol (1), exemplo: *disso* « disse », *quiso* « quis », *fezo* « fez », *tébo* « teve », *tröuço* « trouxe », *stôbo* « esteve »; na 2.^a pessoa do sing. de todos os pretéritos temos -che (ou -chi) correspondente a lat. -STI, como em galego, ex.: *fochi* « fôste », *tröucechi* « trouxeste », *trabalháche* « trabalhaste », embora com esta forma coexista a forma em -ste ou -sti, ex.: *fosti, trabalhaste* (a forma em -che é sobretudo usada pelos velhos, isto é, é antiga). Exemplos de verbos conjugados:

<i>trabalhei</i>	<i>fui</i>	<i>tröuce</i>
<i>trabalhache</i> (e -ste)	<i>föche</i> (e foste)	<i>trouceche</i>
<i>trabalhöu</i>	<i>foi</i>	<i>tröuço</i>
<i>trabalhámos</i>	<i>fomos</i>	<i>troucemos</i>
<i>trabalhastes</i>	<i>fostes</i>	<i>troucestes</i>
<i>trabalhárū</i>	<i>förū</i>	<i>troucēru</i>

Fenómenos avulsos: *som* « sou », *somos, som* « são » (em galego também *son* = *sō* é sing. e pl.); *pō* é 3.^a do sing. e do pl., ex.: « as galinhas *pō ū óbo* » (o mesmo em galego: sing. e pl. *pon*, que soa *pō*); *biste-te* « veste-te »; *arrénja-te* « arranja-te », *fizi* e *fiç* « fiz »; *caber* faz no pretérito eu *cabi*, êle *cabeu*; o imperativo de *dizer* é *di*, como em galego (que nesse idioma

(1) Vid. *Estudos de Philologia mirandesa*, 1, 393.

coexiste com *dice*); impessoalmente diz-se *hai* « há », facto muito freqüente não só nas raias, mas ainda em certos pontos do interior do país; o verbo *vir*, isto é, *bir*, pois que $v = b$, faz no pretérito *binheche* « vieste », *bêu* « veio » (em galego *viñeche* e *veu*).

C) Vocábulos e canções

10. Vocábulos curiosos: *arbre* (que coexiste com *albre*) « árvore », *auga* « água », *branjiar* « veranejar », *chúbia* « chuva » (usado também em Soajo, etc.), *lágrema* « lágrima », *sumenteira* « sementeira ».

11. Amostra do cancionero:

Sinhora da Peneda (1),	Ó luar da meia-noite,
Da Peneda, Penedinha,	Não sêjas meu enemigo:
Chamai-me boss' afillhada,	Stôu à porta do amôr,
Qu'eu bos chamarei madrinha.	Nũ posso intrar cuntigo.

Os caracteres dêste falar, que lhe dão certa fisionomia, são: $-ã < -ANE$ e $-ANT$, $-ẽ < -ENT$, $-õ < -ONE$, $-ũ < VNT$, segundo o que se disse no § 3; $s-ç$, $f-ç$, segundo o § 6; pretérito em $-o$ na 3.^a sing., e em $-che$ na 2.^a sing., segundo o § 9. O último fenómeno, que é agora notado pela primeira vez num falar de Portugal, constitue o mais importante de todos os caracteres, ficando-lhe immediato em importância o $-o$ dos pretéritos. Por êstes caracteres a linguagem de Parada ocupa lugar especial no quadro da nossa dialectologia, pois, embora falada em território português, e portuguesa no seu conjunto, apresenta fenómenos caracte-

(1) Santuário célebre no concelho dos Arcos de Valdevez.

rísticos do galego, sendo um exclusivo dêle, qual é o citado *-che* < -STI nos pretéritos (1).

(Da *Rev. Lusit.*, 1902, vol. VII, pág. 134-137).

*

O precedente artigo, na sua 1.^a edição, appareceu com outros em um estudo subordinado ao título geral de *Linguagens fronteiriças de Portugal e Hespanha*; todavia investigações que fiz depois mostraram-me que da fala de Parada do Monte se passa insensivelmente para a do resto do concelho de Melgaço, e desta para a do restante Minho (vid. adiante os n.^{os} XVII e XVIII): por isso, e também por simetria geográfica, resolvi separá-lo daquêle estudo, e incluí-lo agora no *Dialecto interamnense*, ficando, pois, sem efeito o que eu disse supra, pág. 172, isto é, que reproduziria o artigo da linguagem de Parada do Monte no vol. 1.^o dos *Opúsculos*.

XVII

LINGUAGEM POPULAR DO CONCELHO DE MELGAÇO

(2.^o artigo)

Na concepção popular, que corresponde à realidade física, embora não administrativa, o concelho de Melgaço compõe-se de duas partes: o *Monte*, ou *Muntanha*

(1) Posto que em galego ao pronome português *te* (dativo) corresponda *che*, êste último pronome não o observei no falar de Parada. Tão pouco aí observei -ss- por -f- intervocálico, e *x* por *j*, que são fenómenos próprios do galego moderno.